

Desafios e Soluções da Sociologia

Willian Douglas Guilherme
(Organizador)



Willian Douglas Guilherme
(Organizador)

Desafios e Soluções da Sociologia

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Rafael Sandrini Filho
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
D441	Desafios e soluções da sociologia [recurso eletrônico] / Organizador Willian Douglas Guilherme. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (Desafios e soluções da sociologia; v. 1) Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-7247-425-2 DOI 10.22533/at.ed.252192506 1. Sociologia – Pesquisa – Brasil. I. Guilherme, Willian Douglas. II. Série. CDD 301
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “Desafios e Soluções da Sociologia” foi dividido em 2 Volumes, totalizando 42 artigos de pesquisadores de diversas instituições de ensino superior do Brasil. O objetivo da organização deste livro foi o de reunir pesquisas voltadas aos desafios atuais da Sociologia, assim como apresentar possíveis soluções para estes desafios.

O Volume 1 foi dividido em duas partes denominadas “Desafios da Sociologia”. Na Parte 1, são 11 artigos que discutem questões como a representação feminina e masculina, política LGBT, assédio moral e violência familiar. E na Parte 2, são 9 artigos que apresentam desafios à Sociologia por meio de discussões de temas como abuso sexual, masculinidades e racismo.

No Volume 2, os artigos foram agrupados em torno de duas partes denominadas “Soluções da Sociologia”. Na Parte 1, são 13 artigos e as temáticas giram em torno da economia criativa, cidadania, meio ambiente, educação, tecnologia e literatura. E na Parte 2, os 9 artigos discutem temas como autoajuda, quilombo, identidade cultural e valorização profissional.

Entregamos ao leitor o Volume 1 do livro “Desafios e Soluções da Sociologia”, e a intenção é divulgar o conhecimento científico e cooperar com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Boa leitura!

Willian Douglas Guilherme

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“AS ARTIMANHAS DA EXCLUSÃO” NAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MULHER CIGANA ENTRE BRASILEIROS E ITALIANOS	
Mariana Bonomo Giannino Melotti Monica Pivetti	
DOI 10.22533/at.ed.2521925061	
CAPÍTULO 2	13
ESCOLA EM DISPUTA: EDUCAÇÃO LIBERTADORA OU EDUCAÇÃO CONSERVADORA?	
Camila Zucon Ramos de Siqueira Siqueira Frederico Alves Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.2521925062	
CAPÍTULO 3	28
“A GENTE SABE QUANDO DÁ PRA FALAR E QUANDO NÃO DÁ”: MEDO, SEGREGAÇÃO E SILENCIAMENTOS NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES EM REGIÕES PERIFÉRICAS	
Maria Izabel Machado Marcelo Bordin	
DOI 10.22533/at.ed.2521925063	
CAPÍTULO 4	45
A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NA TRILOGIA <i>ÓPERA DOS MORTOS, LUCAS PROCÓPIO E UM CAVALHEIRO DE ANTIGAMENTE</i>	
Ivonete Dias Marcos Hidemi de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.2521925064	
CAPÍTULO 5	54
A VIVÊNCIA FEMININA NA CIDADE: PROCESSOS EDUCATIVOS PARA A EMANCIPAÇÃO DA MULHER	
Maria Vitoria Silva Cardoso Rosângela Ribeiro da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.2521925065	
CAPÍTULO 6	65
LGBTTOFOBIA E RE(VE)LAÇÕES UNIVERSITÁRIAS: O PROCESSO DE FORMAÇÃO NOS CURSOS DA ÁREA DA SAÚDE E A POLÍTICA LGBT	
Claudio Leão de Almeida Junior Danielle Jardim Barreto Fernanda Gracielle Aguiar Zonta	
DOI 10.22533/at.ed.2521925066	
CAPÍTULO 7	76
MASCULINIDADES VIOLENTAS: LEGITIMAÇÃO E NORMATIVIDADE	
Kety Carla De March	
DOI 10.22533/at.ed.2521925067	

CAPÍTULO 8	85
NAS TESSITURAS DO CORPO E DAS SEXUALIDADES EM CLARICE LISPECTOR E MICHEL FOUCAULT: UMA APRECIÇÃO CRÍTICA DO LIVRO “A VIA CRUCIS DO CORPO”	
Danila Faria Berto	
DOI 10.22533/at.ed.2521925068	
CAPÍTULO 9	95
O ASSÉDIO MORAL NO NOVO ESPÍRITO DO CAPITALISMO: DISCURSO DE MOBILIZAÇÃO E PRÁTICA PREDATÓRIA	
Igor Assoni Monteiro da Silva	
Marilane Carneiro Di Mario	
Mário Lopes Amorim	
DOI 10.22533/at.ed.2521925069	
CAPÍTULO 10	108
O QUE PENSAM AS MULHERES SOBRE ‘SEXO E AS NEGAS’	
Daniela Rocha Drummond	
Nelson Rosário de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.25219250610	
CAPÍTULO 11	123
VIOLÊNCIA NO ÂMBITO FAMILIAR: UMA ANÁLISE ACERCA DA RELAÇÃO ENTRE A VIOLAÇÃO DE DIREITOS NA INFÂNCIA E A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES ATENDIDAS PELO NÚCLEO DE ESTUDOS E DEFESA DOS DIREITOS DA INFÂNCIA E JUVENTUDE – NEDDIJ - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE – CAMPUS DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON.	
Amanda Beatriz Louris	
Carla Liliane Waldow Esquivel	
Elizângela Treméa	
Francieli Pinheiro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250611	
CAPÍTULO 12	133
A CONSTRUÇÃO DO HERÓI CHE E AS MASCULINIDADES EM CUBA: CONSTITUINDO UM OBJETO DE PESQUISA	
Andréa Mazurok Schactae	
DOI 10.22533/at.ed.25219250612	
CAPÍTULO 13	146
ABUSO SEXUAL COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES: UMA ANÁLISE DE PROJETOS DE ENFRENTAMENTO NO PARANÁ	
Bruna Regina Battisti	
Francieli do Rocio de Campos	
DOI 10.22533/at.ed.25219250613	
CAPÍTULO 14	154
BUNDA, CULTURA NACIONAL E MISTIÇAGEM NO BRASIL	
Ana Paula Garcia Boscatti	
Joana Maria Pedro	
DOI 10.22533/at.ed.25219250614	

CAPÍTULO 15	166
DISCUSSÕES SOBRE IDENTIDADE RELIGIOSA: O CASO DOS PEREGRINOS	
Marcelo Pereira Souza Marcelo Alário Ennes Alessandra Rodeiro Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250615	
CAPÍTULO 16	182
ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER	
Isabela Magalhães Bosi	
DOI 10.22533/at.ed.25219250616	
CAPÍTULO 17	188
HERANÇA AFRICANA E MEMÓRIA DA ESCRAVIDÃO: PATRIMÔNIO, ESPAÇO E DINÂMICAS POLÍTICAS NA ZONA PORTUÁRIA DO RIO DE JANEIRO	
Hannah da Cunha Tenório Cavalcanti	
DOI 10.22533/at.ed.25219250617	
CAPÍTULO 18	205
MEMÓRIA, SILÊNCIO, ESQUECIMENTO E TURISMO	
Raniery Silva Guedes de Araujo Karla Estelita Godoy	
DOI 10.22533/at.ed.25219250618	
CAPÍTULO 19	212
PIADAS CONTRA NEGROS: VIOLÊNCIA EM FORMA DE HUMOR JOKES AGAINST BLACK PEOPLE: VIOLENCE AS HUMOR	
Paulo Sérgio de Proença	
DOI 10.22533/at.ed.25219250619	
CAPÍTULO 20	225
QUEM E COMO SE DEFINE O ÉTNICO NA AUTO IDENTIFICAÇÃO “ÉTNICO RACIAL”?: DILEMAS DAS COTAS PARA NEGROS NAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS.	
Marcos Silva da Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.25219250620	
SOBRE O ORGANIZADOR	238

ENVIOS DE MEMÓRIA EM ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro – RJ

KEYWORDS: Elida Tessler; memory; sending.

1 | INTRODUÇÃO

RESUMO: Este artigo se propõe a refletir acerca da obra da artista Elida Tessler, tomando como fragmento um de seus trabalhos, intitulado *Manicure* (1998), composto por mais de trezentos vidros de esmalte vazios reunidos ao longo de três anos e enviados à artista por uma mesma manicure. Para tanto, parto de uma breve descrição da obra para, então, desenvolver uma reflexão acerca da relação entre envio, tempo e memória, presentes em *Manicure*, dialogando com pensadores como Giorgio Agamben e Jean-Luc Nancy.

PALAVRAS-CHAVE: Elida Tessler; memória; envio.

ABSTRACT: This article aims to reflect about Elida Tessler's artworks, taking as fragment the work titled *Manicure* (1998), composed of more than three hundred of empty enamel glasses gathered over three years and sent from the same manicure. Therefore, we start from a brief description about this work to develop a reflection about the relation between sending, memory and time found in *Manicure*, dialoging with authors as Giorgio Agamben and Jean-Luc Nancy.

É o meu desejo: fazer do ordinário o extraordinário. (Tessler, 2014, p.26)

Ela queria o prazer do extraordinário que era tão simples de encontrar nas coisas comuns: não era necessário que a coisa fosse extraordinária para que nela se sentisse o extraordinário. (Lispector, 1998, p.122)

Este artigo é um fragmento e um desdobramento da pesquisa intitulada *Envio, tempo, memória: uma conversa com a obra de Elida Tessler*. Aqui, pretendo debruçar-me sobre uma das obras da artista Elida Tessler, intitulada *Manicure* (1998), para refletir acerca dos conceitos de envio, tempo e memória presentes nesse e em outros trabalhos da artista.

Em *Manicure*, Elida dispõe mais de trezentos vidrinhos de esmalte vazios sobre uma mesa, reunidos por uma mesma manicure ao longo de três anos – num exercício de acúmulo de objetos ordinários, descartados e, muitas vezes, já sem função, que perpassa praticamente toda a criação da artista. Segundo Elida (2014, p.36), o cotidiano é *matéria base* para seu trabalho e o *universo ordinário* apresenta-

se como *motivo de deslumbramento e entusiasmo* para a criação de algo novo. Isso já se evidencia desde sua primeira exposição individual, *Desenhos* (1988), em que a artista reuniu 12 desenhos em pastel preto e branco e grafite, frutos da observação diária de sua escova de cabelos – uma busca por materializar o movimento, por fixar o tempo, uma ação no tempo. Todo seu trabalho, desde essa primeira exposição até os dias atuais, gira em torno dessa busca por um tempo perdido.

Elida, como bem observa Angélica de Moraes (2003a, p.7), *cria imantações para objetos comuns que costumamos olhar sem ver*, em sua busca por transformar o ordinário em extraordinário, a partir de um gesto de recolha de objetos cotidianos, já sem uso. Nesse exercício de acúmulos, Elida se aproxima do *verdadeiro colecionador*, de que nos fala Walter Benjamin, no texto *O Colecionador* (2009): aquele que retira o objeto de suas relações funcionais com “um olhar que vê mais e enxerga diferentes coisas do que o olhar do proprietário profano” (Idem, p.241).

Segundo a artista, o ato de guardar coisas funciona paradoxalmente como uma forma de *lembrar* de eventos importantes e, muito provavelmente, de *esquecê-los* também, desvelando-se um nexos com a memória.

Minha mãe era uma pessoa que tinha muita dificuldade com o descarte das coisas, mesmo quando elas já não podiam mais cumprir as suas funções originais. Acho que aprendi com ela o valor do obsoleto e a resistência ao universo do consumo desenfreado, quando ela procurava – e encontrava – um outro destino para os seus objetos. Transformar uma coisa em outra é lição da poesia. (Tessler, 2014, p.36)

Além de muitos objetos, Elida herdou da mãe essa *lição da poesia*. Em *Manicure*, ao retirar os vidros de esmalte dos salões de beleza, impedindo-os de comumente terminarem no lixo, ela dá a esses objetos outra função, evocando memórias do *universo feminino e sua vaidade* (Ferreira, 2013, p.30). Elida, como um corpo-correio, recebe tais objetos, *antes de sumirem nas águas que anulam diferenças* (Schüler, 2003, p.46), e reenvia-os feitos outra coisa, num envio-reenvio de memórias, chamando atenção para o *escoar do tempo e o escorrer da existência* (Moraes, 2003a, p.8).

Com base no que foi apresentado até aqui, busco, na sequência, fazer uma breve descrição de *Manicure* para, então, refletir acerca da relação entre tempo e memória na obra da artista – compreendida, aqui, como um *envio de memória*.

2 | MANICURE

Em 1998, Elida ganha o Prêmio Brasília de Artes Visuais MAB/MinC, com o qual obtém a tutoria da multiartista Vera Chaves Barcellos e uma bolsa-pesquisa pelo período de um ano. Como resultado, produz *Manicure*, apresentando a obra em uma exposição coletiva na Galeria Athos Bulcão, em Brasília, no mesmo ano.

Na instalação, Elida dispõe 388 vidros de esmalte secos – reunidos, como já aludido, ao longo de três anos pela mesma manicure, a pedido de Elida – sobre uma mesa de três metros de comprimento, revestida de fórmica branca, com 30 centímetros

de largura e 95 de altura. Os vidrinhos, de todas as cores, dispostos ao acaso, estão acompanhados da frase *mas perto não se fica a quem não se conhece as mãos* – retirada do livro *As mãos* (2003, p.9), de Manoel Ricardo de Lima. Segundo o autor,

Vistos de perto, os vidros tomam vida e são pequenos esboços, marcas, vestígios, dobras de um sem-tempo, mas com uma duração que se registra na escolha, no colecionar à toa, no guardar objetos desprovidos de lugar e função – os imprestáveis - neste mundo de um *a serviço de*, sempre, um a serviço de. Ficamos diante de uma afetividade construída, de um estado afetivo e político, por isso tênue, mas inserido na radicalidade da experiência da duração de nossas temporalidades desfeitas. É o que fica no meio, *entre* e *gesto* mínimo: Elida, a manicure, os vidrinhos coloridos. (Lima, 2013, p.71)

Os vidros de esmaltes, salvos por Elida da fatalidade do lixo, *evocam lugares invisíveis e a alquimia dos laços afetivos do fazer as mãos* (Furtado, 2003), provocando um pensamento em torno da memória desses objetos e do tempo que passa, esse tempo como duração de *entres e gestos*. Elida recebe da manicure esses vidrinhos como um envio de uma memória materializada no vazio desses frascos, cumprindo o que, segundo Angélica de Moraes (2003b, p.50), seria o *duplo papel de metáfora e suporte de uma poética ligada à passagem do tempo*.

A questão *com* e *do* tempo, portanto, se faz presente desde o início; desde a atenção de Elida ao observar a manicure enquanto esta *faz mãos*, solicitando que não jogue os vidros de esmalte vazios no lixo, esses vidros que carregam *a história de muitas horas vividas e perdidas, de muitas ilusões – na unha escreve-se um capítulo da vida* (Schüller, 2003, p.46).

3 | TEMPO

Manicure também é uma fala inacabada na medida em que materializa a passagem do tempo (Tessler, 2014, p.48)

Talvez a maior inquietação de Elida seja o desejo de alcançar o tempo, materializá-lo, encontrá-lo. Busca que permeia todo o processo de criação da artista, desde a concepção do trabalho até a montagem. É interessante, aqui, pensarmos em um tempo mais próximo de uma *anacronia* do que de uma *cronologia*. Anacronia vem do grego *ana* (contra) e *chronos* (tempo) – um tempo, portanto, *contra* o tempo.

Gilles Deleuze, em seu livro *A imagem-tempo* (2005), defende que a imagem deixou de ter como caracteres primeiros *o espaço e o movimento* e, agora, situa-se *na topologia e no tempo* (Idem, p.153). O trabalho de Elida, compreendido aqui como envio e reenvio de memória, habita precisamente *o* e *no* tempo, esse tempo anacrônico e impossível de mensurar, um tempo estóico, *kairológico*, de que nos fala Giorgio Agamben, em seu texto *Tempo e História: crítica do instante e do contínuo* (2005). Segundo o autor, o *tempo vivido* é sempre representado mediante um conceito *metafísico-geométrico* – a que ele chama de *ponto-instante inextenso* – e procedemos como se esse conceito fosse o *tempo real da existência* (Idem, p.122). Em contrapartida

a essa concepção, Agamben nos traz a visão estóica de que o tempo “homogêneo, infinito e quantificado, que divide o presente em instantes inextensos” seria irreal e, assim, o modelo estóico aproximar-se-ia da ideia de *kairós*, o que livra o homem “da sujeição ao tempo quantificado” (Idem, p.123). Um tempo, portanto, que não pode ser medido, em oposição ao *chronos*, esse nosso tempo cronológico, quantificado.

Elida revela que sua relação com a passagem do tempo *nunca foi tranquila* e, buscando estabelecer uma relação *mais serena com tempo*, ela cria projetos de longa duração como faz em *Manicure* (Tessler, 2014, p.36). Ao pré-estabelecer, nesse trabalho, um período de três anos para recolha dos objetos, a artista elabora o *registro de uma passagem do tempo* (Lima, 2013, p.71), que se dá diante de nós, a todo momento, num fazer as mãos como rotina e no acabar de um vidro de esmalte.

Segundo o professor, tradutor e escritor Donaldo Schüller (2003, p.45), Elida *introduz o tempo em Manicure* no gesto de apanhar esses *objetos que passam*, na última centelha, antes de sumirem – como uma tentativa de parar o tempo, de resgatar memórias. Henri Bergson, em seu livro *Memória e Vida* (2011, p.2), defende que a memória está “aí, empurrando algo desse passado para dentro desse presente”, que se *infla* com a duração que *vai reunindo* no passar de um tempo *indivisível*.

Nossa duração não é um instante que substitui outro instante: nesse caso, haveria sempre apenas presente (...). A duração é o progresso contínuo do passado que rói o porvir e incha à medida que avança. Uma vez que o passado cresce incessantemente, também se conserva indefinidamente. (Idem, p.47)

Elida, em *Manicure*, propõe justamente uma reflexão acerca desse tempo como pura duração, distante de um tempo quantificado e mais próximo, portanto, *de kairós*. É precisamente nessa busca por repensar o tempo que uma autêntica revolução se tornaria possível, como nos sugere o filósofo Giorgio Agamben (2005). De acordo com o autor, “toda cultura é, primeiramente, uma certa experiência do tempo” e, em vez de simplesmente mudarmos o mundo, temos, antes, de mudar o tempo (Idem, p.111). Elida, ao dispor 388 vidrinhos de esmaltes secos, inúteis, descartados, nos convida justamente a refletir acerca dessa nossa experiência temporal, na qual insistimos em quantificar, esse cálculo impossível do tempo.

4 | ENVIO

As pessoas estão sempre me entregando coisas, diz Elida, durante uma conversa que tivemos em outubro de 2015, em seu ateliê. Tais *envios* lhe chegam de diferentes formas, seja indireta, como na herança de seus pais, ou diretamente, como nos 388 vidrinhos de esmalte acumulados com a intenção de lhe serem entregues. Ela guarda os objetos que recebe em um *movimento contra industrial*, humanizando *o que a indústria banalizou* (Schüller, 2003, p.45).

O conceito de *envio*, com o qual trabalho neste artigo, aproxima-se da ideia desenvolvida pelo filósofo francês Jean-Luc Nancy, em seu livro *À Escuta* (2014).

Nancy trata da escuta, compreendida como envio e reenvio, em relação ao som e à música, mas não só. Ele mesmo propõe uma abertura de sua reflexão a outros sentidos ao afirmar que

nada é dito do sonoro que não deva ao mesmo tempo valer para os outros registros (...) numa complementaridade e numa incompatibilidade inextrincáveis (Idem, p.21).

Ele afirma que “não há sujeito, senão ressoando, respondendo a um ímpeto, a um apelo, a uma convocação de sentido” (Idem, p.53). Tais ressonâncias estariam ligadas ao *reenvio de si* e ao próprio *si* como *reenvio* – em um *reenvio infinito* (Idem, p.23). É preciso ter em conta que esse *si*, de que nos fala Nancy, não seria um *eu* nem um *outro*, mas, antes, um *si* que é pura ressonância de um reenvio, aquilo que vibra no *entre*. Podemos pensar nesse envio como um gesto que é, antes, *promessa de um sentido*, como nos fala George Steiner, em *O silêncio dos livros* (2007, p.13). Algo, portanto, que pode ou não se realizar, pode ou não chegar – condição inerente a todo envio.

Em *Manicure*, observamos *ressonâncias de uma vida inteira*, como diz Angélica de Moraes, *intensas e teimosas*, a que chamamos *memória* (Moraes, 2003b, p.52). A memória, no trabalho de Elida, a partir desses objetos recebidos e acumulados, é uma memória em movimento, que emerge do passado, ganha corpo no presente e se lança ao futuro, não de forma sucessiva, mas *ao mesmo tempo*. Uma correspondência constante entre memórias suas e de outros, por meio desses envios, materializada em seus trabalhos – que são, também, um endereçamento.

Elida chama atenção a essas memórias, a nos fazer pensar em uma “consciência da existência e da continuidade do ser (...) que se faz e se refaz ininterruptamente, quase que como um outro de si mesmo”, como sugere Estala Sahm, em sua pesquisa intitulada *Bergson e Proust: Sobre a representação da passagem do tempo* (2011, p.34).

Ao dispor os vidrinhos em *Manicure*, o gesto de Elida é de um reenvio como promessa, um endereçamento de memórias, portanto, que ressoam nesse reenvio infinito de si; um gesto de envio que pode nunca chegar efetivamente ao destinatário – talvez nem mesmo possua um destinatário –, existindo como ressonância, como simples gesto de entrega que nasce também de uma busca por esse tempo que

quando recuperado pela memória já se insere dentro de uma nova temporalidade (presente), que o transforma e é simultaneamente transformado pela evocação (Idem, p.70)

Um reenvio de memórias na tentativa de encontrar, de alguma maneira, o tempo; de *conservar-se*, como sugere Débora Cristina Morato Pinto:

Em outros termos, a consciência é a duração; e quem diz duração, diz antes de mais nada memória, pois durar é conservar-se: duração é então memória, e a memória no homem se efetiva como consciência (Pinto, 2004 apud Sahm, 2011, p.89)

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. Tempo e História: crítica do instante e do contínuo. In: **Infância e história – destruição e experiência e origem da história**. Trad. Henrique Burigo. Belo Horizonte, MG: EdUFMG, 2005.

_____. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

DELEUZE, Gilles. **A imagem-tempo**. Trad. Eloisa de Araujo Ribeiro; revisão filosófica Renato Janine Ribeiro. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 2005.

BENJAMIN, Walter. O Colecionador. In: **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. pp. 237-246.

BERGSON, Henri. **Memória e vida – texto escolhidos por Gilles Deleuze**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Ferreira, Glória. O tempo *rouge*. In: **Gramática Intuitiva** (catálogo). Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013.

FURTADO, Beatriz. **Gesto de reter vestígios em objetos e palavras**. Texto sobre a exposição Horas a fio, no Museu de Arte Contemporânea do Centro Dragão do Mar, Fortaleza, 2003. Disponível no site www.elidatessler.com.br [acesso dia 15/12/15].

LIMA, Manoel Ricardo de. **As mãos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

_____. Uma recolha: entre e gesto mínimo. In: **Gramática Intuitiva** (catálogo). Porto Alegre: Fundação Iberê Camargo, 2013, p.71.

LISPECTOR, Clarice. **Uma aprendizagem ou o livro dos prazeres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

MORAES, Angélica de. Tempo de viver, tempo de lembrar. In: **Elida Tessler: Vasos Comunicantes (catálogo)**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2003a. pp. 7-11

_____. Percurso de uma poética. In: **Elida Tessler: Vasos Comunicantes (catálogo)**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2003b. pp. 49-52.

NANCY, Jean-Luc. **À escuta**. Trad. Fernanda Bernardo. Belo Horizonte, MG: Chão da Feira, 2014.

SAHM, Estela. **Bergson e Proust: Sobre a representação da passagem do tempo**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

SCHÜLLER, Donaldo. Palavras miúdas aspiram à fala: O tempo na arte de Elida Tessler. In: **Elida Tessler: Vasos Comunicantes (catálogo)**. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2003. pp.45-47

STEINER, George. **O silêncio dos livros – seguido de Esse Vício Ainda Impune, de Michel Crépu**. Lisboa: Gradiva, 2007.

TESSLER, Elida. Entrevista concedida à Marília Panitz para a revista Binômios, Florianópolis, dez 2014.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-425-2

